



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Jéssica Helena Trombini

***Autoria à venda:
ghost writers no Brasil***

RELATÓRIO
do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pela Prof^a. Gislene Silva
no primeiro semestre de 2014
Orientador: Prof. Rogério Christofolletti

**Florianópolis
Julho de 2014**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2014-1		
ALUNO	Jéssica Helena Trombini		
TÍTULO	Autoria à venda: <i>ghost writers</i> no Brasil		
ORIENTADOR	Rogério Christofoletti		
MÍDIA	X	Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
CATEGORIA	Pesquisa Científica		
	Produto Comunicacional		
	Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
		Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	X	Reportagem Livro-reportagem ()	() Florianópolis (X) Brasil () Santa Catarina () Região Sul () Internacional País: _____
ÁREAS	<i>Ghost-writer</i> . Livros. Mercado. Profissões. Direitos autorais. Literatura.		
RESUMO	<p>Este TCC consiste em uma grande reportagem impressa que pretende mostrar a atividade dos <i>ghost writers</i>, escritores contratados para elaborar textos sob encomenda que concedem a autoria destes por meio de contratos e termos de confidencialidade. Serão traçados o perfil desse tipo de profissional e o panorama do mercado no Brasil, além de responder se esta é ou não uma atividade clandestina, os motivos pelos quais alguém contrata um <i>ghost writer</i> e por que eles vendem seus textos e/ou suas ideias. A reportagem também vai abordar as questões éticas envolvidas, possíveis disputas jurídicas em torno de uma obra e os motivos para que esse assunto seja pouco tratado no Brasil, apesar de o <i>ghost writing</i> ser uma prática bastante comum. As obras que vão entrar na apuração serão textos literários, livros técnicos, livros elaborados para empresas e (auto)biografias. A importância do crescimento desse mercado por ser uma possibilidade de emprego para jornalistas também é colocada em pauta.</p>		

Sumário

1. Resumo.....	4
2. Apresentação do tema e justificativas.....	5
3. Conteúdo e fontes.....	15
4. Processo de Produção.....	21
5. Redação e Edição.....	23
6. Dificuldades e aprendizados.....	25
6.1 Acesso às fontes.....	25
6.2 Falta de informações.....	29
6.3 Definição do formato.....	29
8. Referências.....	31
9. Bibliografia.....	35

1. Resumo

Este TCC consiste em uma grande reportagem impressa que pretende mostrar a atividade dos ghost writers, escritores contratados para elaborar textos sob encomenda que concedem a autoria destes por meio de contratos e termos de confidencialidade. Serão traçados o perfil desse tipo de profissional e o panorama do mercado no Brasil, além de responder se esta é ou não uma atividade clandestina, os motivos pelos quais alguém contrata um ghost writer e por que eles vendem seus textos e/ou suas ideias. A reportagem também vai abordar as questões éticas envolvidas, possíveis disputas jurídicas em torno de uma obra e os motivos para que esse assunto seja pouco tratado no Brasil, apesar de o ghost writing ser uma prática bastante comum. As obras que vão entrar na apuração serão textos literários, livros técnicos, livros elaborados para empresas e (auto)biografias. A importância do crescimento desse mercado por ser uma possibilidade de emprego para jornalistas também é colocada em pauta.

Palavras-chave: *Ghost writer*. Livros. Mercado. Profissões. Direitos autorais. Literatura.

2. Apresentação do tema e justificativas

Ghost writer (escritor-fantasma) é um escritor contratado por outros profissionais para escrever textos, discursos e até mesmo livros inteiros, de forma sigilosa, sem que assuma sua autoria, cláusula geralmente prevista em acordos entre o cliente e o escritor. Quem trabalha com isso transforma em texto as ideias dos outros, através de entrevistas, depoimentos e pesquisa, recebendo um pagamento pelos serviços prestados. Concluído o trabalho, o escritor mantém a discrição de sua participação na obra, tornando-se invisível e dando à ocupação ar de mistério. É desse desaparecimento que vem a designação de fantasma. A propriedade intelectual, os direitos autorais e a fama ficam para o contratante, que é quem assina o trabalho. O contratante e o escritor-fantasma têm de estar em constante comunicação para que estejam em sintonia e que a obra seja um reflexo da personalidade do autor, condizendo com seu estilo e pensamento.

O mais comum é a contratação de *ghost writers* por outros escritores, empresários, políticos, esportistas e celebridades para escrever suas autobiografias e livros de memórias, mas editoras também contratam escritores-fantasma como *freelancers*. Um caso bastante conhecido é o de Bruna Surfistinha (codinome da ex-garota de programa Raquel Pacheco), que contratou o jornalista Jorge Tarquini para escrever seu livro “O doce veneno do escorpião: o diário de uma garota de programa” (SURFISTINHA, 2005). Não é comum que as celebridades revelem que não são autores de seus livros, e Tarquini acredita que elas não o fazem por vaidade ou insegurança.¹ O escritor não assina como autor da obra, o crédito é todo de Bruna Surfistinha, mas eles não escondem que foi ele quem elaborou o livro, tendo até mesmo participado de sessão de autógrafos ao lado da celebridade.²

¹ Disponível em: <http://www.guiadasemana.com.br/artes-e-teatro/noticia/ghost-writers> (acesso em: 14 de abril de 2013)

² Disponível em:

<http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI785857-EI1118,00.html> (acesso em: 08 de outubro de 2013)

Em 2012, outra celebridade que anunciou que iria contratar um *ghost writer* para escrever sua biografia foi Monique Evans.³ Adriane Galisteu também recorreu a um escritor-fantasma para escrever seu livro “O caminho para as borboletas – meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna” (GALISTEU, 1994)⁴. Ainda dentro das intituladas autobiografias, “ABC de Carmen” (VEIGA, 1997), de Carmen Mayrinck Veiga e “Um século de boa vida” (GUINLE, 1997), de Jorge Guinle, foram escritas pelo jornalista Mylton Severiano. Também há os escritores que elaboram livros comemorativos para empresas – cuja autoria é creditada ao empresário – e livros técnicos de diversos assuntos.

Uma conhecida escritora brasileira que trabalhou como *ghost writer* foi Clarice Lispector, entre abril de 1960 e março de 1961. Ela escreveu,

³ Disponível em: <http://gente.ig.com.br/2012-04-20/monique-evans-nem-a-minha-filha-conhece-a-minha-historia.html> (acesso em: 08 de outubro de 2013)

⁴ Disponível em:

<http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI300386-9531,00-ADRIANE+GALISTEU+EU+SOU+HUMANA+NAO+A+RAINHA+DA+RAZAO.html> (acesso em: 08 de outubro de 2013)

para a atriz Ilka Soares, a coluna “Só para mulheres” no jornal Diário da Noite, do Rio de Janeiro (GOTLIB, 1995; NUNES, 2006; MOSER, 2009). O editor, Alberto Dines, trouxe outros nomes de celebridades para o jornal, a fim de transformá-lo em tabloide e modernizá-lo para atrair mais leitores e aumentar o número de vendas. Segundo Lira Neto (2007), no mesmo periódico a coluna “Maysa faz o Diário da Noite”, assinada pela cantora Maysa, era escrita pelo jornalista Raul Giudicelli.

O orçamento de um serviço de *ghost writing* varia de acordo com o tempo necessário para planejamento da obra, número de páginas a serem escritas, tema e dificuldade de realização do projeto. Alguns autores já contratam os escritores-fantasma com o rascunho em mãos, apenas incumbindo-lhes a tarefa de organizar as informações, detalhar alguns assuntos, contextualizar informações, editar o texto e trazer fluidez à leitura, apenas ajudando o autor a finalizá-lo. Outros contratantes têm somente a ideia central

da obra, cabendo ao *ghost writer* planejar e escrever todo o texto, além de fazê-lo passar por aprovação de quem o assinará.

Por ser sigilosa, a atividade tem um quê de mistério, fazendo com que personagens *ghost writers* apareçam com frequência na ficção. No cinema, aparecem nos filmes “O escritor fantasma”, de 2010, dirigido por Roman Polanski, “Alex e Emma”, de 2003, dirigido por Rob Reiner e “Anônimo”, dirigido por Roland Emmerich em 2011. Esse último traz à tona a velha teoria de que as obras atribuídas a William Shakespeare tenham sido escritas pelo Conde de Oxford. De acordo com Shapiro (2010), muitos artigos e livros contestando a autoria das peças e poemas de Shakespeare surgiram por volta de 1850, e os maiores candidatos a *ghost writers* eram Edward de Vere (o Conde de Oxford) e Francis Bacon, mas mais de cinquenta nomes apareceram também, incluindo os da Rainha Elizabeth e Rei James.

Na literatura, há o romance *The ghost writer* (O escritor-fantasma), do norte-americano Philip Roth,

de 1979, em que o narrador imagina que a menina judia Anne Frank, do Diário de Anne Frank, teria sobrevivido ao holocausto, trocado de nome e vivido sob anonimato para que seu diário continuasse a causar impacto na sociedade. No Brasil, a obra mais conhecida sobre escritores-fantasma é o romance “Budapeste”, de Chico Buarque, escrito em 2003. Rubem Fonseca também trabalha com personagens *ghost writers* em dois de seus contos, reunidos no livro “64 Contos”, de 2004: *Agruras de um jovem escritor* e *Artes e ofícios*.

Ao contrário do que acontece na ficção, a ocupação de escritor-fantasma quase não aparece em pesquisas acadêmicas, artigos e ensaios, nem tampouco na cobertura jornalística. É uma profissão pouco conhecida, e sobre a qual pouco se fala: tanto pela questão da confidencialidade quanto pela vergonha das personalidades em admitir a contratação dessa mão-de-obra. Mesmo assim, muitas pessoas, principalmente jornalistas, realizam esses trabalhos. Dessa forma, o mercado de livros

se mostra como uma opção de emprego para jornalistas.

Em alguns países, como Canadá, associações de escritores – como a *The Writers Union of Canada* – tratam dessa ocupação abertamente, disponibilizando contatos de escritores de acordo com o tipo de obra a ser feita, além de tabelas com os valores do serviço. No Brasil, ao contrário, essa ocupação é um pouco obscura, há poucos *sites* que forneçam informações sobre esses profissionais e incentivem sua contratação. Dois deles, que aparecem entre os primeiros resultados de busca básica na internet, como o www.ghostwriter.com e o www.ghostwriterp.blogspot.com estão abandonados há anos. Há escritores que disponibilizam e divulgam seus próprios serviços em blogs e sites, além de algumas empresas de comunicação, como a *Lilian Comunica – Assessoria de Imprensa e Editorial*, de São Paulo, e prestadoras de serviços editoriais, tais quais a *Acerte Revisão*, de São Paulo, e *Mundo Escrito*, de Goiás, que também oferecem serviços de revisão

textual, formatação de trabalhos acadêmicos e transcrições de áudios.

A proliferação do “comércio de autoria”, para Accioly (2002), é um sintoma da cultura pós-moderna, diretamente ligada ao desenvolvimento da cultura de massa no século XIX e ao capitalismo pós-industrial, com o qual se desenvolveu a indústria editorial. De acordo com ela, as riquezas passam a ser imateriais, ao contrário do capitalismo industrial, em que as riquezas eram o maquinário e o acúmulo de mercadorias: agora são a informação, o conhecimento e os produtos da indústria cultural. Antes desse momento, a atividade do *ghost writer* era vista como clandestina, e a partir daí passa a ser profissional. Nesse contexto surge também a ideia de direitos autorais, mas “o direito autoral como se conhece hoje, centrado no criador da obra, foi instituído mais tarde, durante a Revolução Francesa” (ACCIOLY, 2002, p. 30). Segundo Christofolletti (2004, p. 144), “o direito autoral já conta com códigos específicos na maioria dos países e com tratados e convenções internacionais

que arbitram sobre o tema em situações de litígio.” No Brasil, a legislação sobre direitos autorais foi sancionada em 1998 (CURIA; CÉSPEDES; WINDT, 2011).

Geralmente, quem se dedica a essa atividade possui formação acadêmica e bagagem cultural, pois devido à quantidade de textos elaborados precisam ter “excelente domínio da língua e de tudo que se refere à redação textual” (OLIVEIRA, 2012, p. 45) e ter conhecimento de diversas áreas, além de estar bem informado. É por essas características que muitos jornalistas se arriscam nesse mercado.

Este trabalho não tem intenção de abordar o tema das fraudes e compras de teses acadêmicas, tema recorrente de reportagens, artigos e pesquisas. As pessoas que as vendem também são *ghost writers*, mas o foco, aqui, é a produção literária legal. É importante salientar a diferença entre *ghost writers* e *speech writers*. No Brasil, quem escreve discursos é considerado *ghost writer*, enquanto em outros países há essa diferenciação.

Justamente pelo fato de ser uma ocupação pouco conhecida, um pouco misteriosa e que envolve sigilo, os *ghost writers* chamaram minha atenção. A escassez de pesquisas acadêmicas e artigos sobre o assunto também foi um fator instigante. Pouco se fala sobre escritores-fantasma na grande mídia. Esta reportagem pretende tirar a profissão da obscuridade, apresentando suas práticas, procedimentos e problemas, revelando seus detalhes e quebrando o tabu ao tratar do tema abertamente.

3. Conteúdo e Fontes

A produção começa com a escolha das pautas. Algumas, que haviam sido previstas no projeto, feito no primeiro semestre de 2013, caíram, e outras entraram, pois a apuração sempre é muito dinâmica. Entre as pautas, foram abordados o mercado brasileiro, uma comparação com o mercado norte-americano (Estados Unidos e Canadá), o preço das obras e os fatores que o influenciam, o perfil deste tipo de profissional, legislação brasileira sobre cessão de direitos autorais e a relação entre o *ghost writer* e seu cliente.

A apuração foi iniciada com contatos de empresas de comunicação e de serviços editoriais que oferecem serviços de *ghost writing* na internet como a *Lilian Comunica*, de São Paulo e a *Vila Romana*, de Santos (SP); a *Mundo Escrito*, de Goiás, deixou de oferecer o serviço, mas seu criador, Axel Guedes, também foi entrevistado. Essas entrevistas dão uma ideia geral desse

mercado, das dificuldades enfrentadas pelos *ghosts*, da demanda por esses trabalhos e da relação com quem os contrata. É abordada a contratação de escritores para elaboração de livros técnicos, livros para homenagear entes queridos e produção de biografias – as quais são intituladas autobiografias. São expostos os segmentos de mercado, seguidos de exemplos de algumas obras.

Por não ser um serviço disponibilizado tão abertamente, tentei fazer uma varredura pelas principais editoras do país, a fim de saber se recomendam esse tipo de trabalho ou se são contra, e, ainda, se trabalham com *ghost writers*. Os *ghosts* falam abertamente para quais editoras trabalharam, mas é muito difícil conseguir essa informação e contatos dentro das empresas. Um entrevistado nesse sentido foi o editor Sérgio França, da Editora Record.

Também foram entrevistados escritores autônomos que oferecem ou desistiram de disponibilizar esse serviço, como o jornalista Marinaldo Gomes, do *blog* Jornalismo Freelance, e

os escritores-fantasma Victor Rocha, de Macaé (RJ), Tania Carvalho, do Rio de Janeiro, Nanete Neves, de São Paulo – essas duas últimas também ministram cursos nessa área, que são abordados na reportagem.

É discutida a relação entre o escritor-fantasma e o cliente, e o limite entre coautoria e *ghost writing*, foram entrevistados o jornalista Mylton Severiano e Palmério Dória, que escreveram vários livros juntos, além do delegado Romeu Tuma Jr, que publicou *Assassinato de Reputações – um crime de estado* em conjunto com o jornalista Claudio Tognolli, que colheu seu depoimento e cujo nome aparece na capa do livro.

Com a intenção de buscar dados estatísticos sobre esse mercado editorial – volume de produção e vendas –, entrei em contato com o presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), Joaquim Maria Botelho, a fim de indagar nessas entidades como é vista a prática do *ghost writing*. O próprio presidente da UBE acabou por revelar que já trabalhou como escritor-fantasma e como coautor

com o empresário Thomas Case. Com essa finalidade também foi entrevistada, ainda que brevemente, a presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), Sônia Machado Jardim. No entanto, não existem estatísticas sobre esse mercado, nem no Brasil e nem no exterior.

Também foram procurados especialistas em Direitos Autorais e Propriedade Intelectual para discutir a questão da cessão da autoria, além da diferença entre as legislações de outros países (Estados Unidos e Canadá) que permitem a cessão desses direitos, e onde a prática do *ghost writing* é bastante comum. Dentro desse assunto comparei a atividade no Brasil e nesses países, através do contato com um *ghost writer* estadunidense e a *The Writers Union of Canada*.

Pensei em abordar problemas jurídicos em torno de uma obra, e em uma das retrancas relato a denúncia de plágio que sofreram os autores do livro didático *Toda a História*, da Editora Ática, que havia contratado um escritor-fantasma para realizar o serviço. O caso veio à tona em 1996, mas é

interessante por causa dos acordos feitos e pela denúncia pública no jornal *O Estado de São Paulo* e na revista *Veja*, além de provar que, mesmo tendo de desaparecer, o *ghost writer* não está imune de problemas jurídicos.

As entrevistas ocorreram majoritariamente por telefone, *Skype* e *e-mail*, por causa do acesso dificultoso às fontes, e pela impossibilidade de entrevistá-las pessoalmente devido à distância física. Algumas das principais fontes estavam no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Os títulos de livros citados só puderam ser colocados na reportagem porque foram produzidos em coautoria ou porque já era público que haviam sido feitos por *ghost writers*. Em alguns casos foram comentados seus enredos, ainda que sem muito detalhamento para não comprometer os escritores. A questão da vergonha e da vaidade das pessoas que os contratam também foi abordada.

Todos os *ghost writers* entrevistados eram jornalistas, mostrando uma alternativa de mercado para quem possui essa formação.

No total foram entrevistadas dezoito pessoas: dois especialistas em Direitos Autorais; um editor; três contratantes (Jobson, Dória e Tuma Jr.); um diretor executivo da *Writers Union of Canada*; a presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); dez escritores-fantasma (entre eles o presidente da UBE).

4. Processo de Produção

O levantamento de fontes começou no início de janeiro, com busca de órgãos relacionados a editores e escritores, como a União Brasileira de Escritores (UBE) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); busca de contatos de jornalistas e escritores que já eram conhecidos por ter trabalhado como *ghost writers*, como Mylton Severiano, Claudio Tognolli, Jorge Tarquini, Rubens Figueiredo, Ryoki Inoue (um recordista no *Guinness Book*, com 1099 livros publicados, conforme seu *site* pessoal).

A maior parte dos entrevistados foi localizada por meio de seus *sites* e *blogs*, nos quais oferecem seus serviços. Algumas foram encontradas como fontes de outras reportagens sobre a profissão, mais antigas. Em algumas matérias até mesmo os nomes das celebridades que haviam contratado os *ghost writers* apareciam, e tentei seus contatos em editoras, sem sucesso. Outras, ainda, foram indicações das próprias fontes.

A seguir, em fevereiro, comecei a fazer contato com as fontes e marcar entrevistas. Três entrevistas foram feitas pessoalmente; algumas foram feitas no Laboratório de Radiojornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, para ter melhor qualidade no áudio, e gravadas; outras foram realizadas por *Skype*, algumas foram feitas por telefone em casa, e quando não era possível conversar com a fonte, a alternativa foi o *e-mail*. Esta ferramenta se mostrou muito boa no caso das fontes internacionais (John Degen, da *Writers Union of Canada* e o *ghost writer* Derek Lewis).

A fase de entrevistas durou até meados de maio, insistindo com fontes que não haviam respondido nenhum tipo de contato até então. A produção do texto começou no final de abril, e entre maio e junho aconteceram a edição e a revisão do texto.

5. Redação e edição

A definição tardia do formato sob o qual esta reportagem seria apresentada dificultou um pouco os trabalhos de redação e edição. Eu havia previsto retrancas, para não tirar o fôlego do leitor e não ficar um texto cansativo, mas tive dificuldade em interromper os textos pra iniciar outros. Ao fim, temos seis textos, retrancas de uma mesma pauta, que totalizam 40 mil caracteres.

As matérias começaram a ser escritas no fim de abril, porém, só foram concluídas na última semana de junho.

Pelo fato de existirem muitas fontes, em vários momentos foi necessário resgatar quem elas são, suas profissões e cargos, de onde são e até mesmo há quanto tempo trabalham com o *ghost writing*. A finalidade é não confundir o leitor nem fazê-lo voltar atrás no texto para procurar a informação. Várias vezes citei as cidades de onde eram os escritores-fantasma, para tentar chegar a um panorama desse mercado no Brasil.

A reportagem, apresentada em formato de encarte de revista, não foi pensada para nenhum veículo específico. O encarte é apenas para indicar que a pauta poderia ser bem explorada caso fosse publicada em uma revista. A diagramação foi feita para apresentar à banca um material mais organizado. A edição dos títulos e olhos foi feita após a definição do projeto gráfico.

6. Dificuldades e aprendizagem

6.1 Acesso às fontes

Pelo menos 30 possíveis fontes foram levantadas, a maioria delas *ghost writers* e pessoas que os haviam contratado – importante salientar que os nomes dos contratantes eram públicos de alguma forma, já que os próprios *ghosts* nunca revelavam para quem haviam trabalhado. Algumas editoras, como Companhia das Letras, Top Books e Insular cederam contatos de escritores, e mesmo de pessoas que haviam assinado os livros, sem dificuldade. Outras, no entanto, como a Sextante e a Ediouro não me passaram esses contatos nem mesmo com insistência semanal.

Alguns escritores que já haviam feito livros como *ghosts*, como Ryoki Inoue e Rubens Figueiredo foram procurados até mesmo pelas redes sociais, sem sucesso. Outras, cujo primeiro contato foi fácil, nunca deram retorno, sempre alegando falta de tempo para responder às perguntas por telefone, ou esquecimento de enviar as respostas por e-mail. Alguns nomes com quem tive dificuldade nesse sentido foram o *ghost*

writer inglês Clifford Thurlow, o empresário Thomas Case que havia contratado um *ghost writer* para escrever seu livro, e o escritor-fantasma Luiz Carlos Cardoso, que reside na Bahia e mantém um escritório em São Paulo (SP). Pelo fato de ele ser baiano, imaginei que seria interessante entrevistá-lo para que a reportagem abrangesse a região Nordeste do país. Como Thomas Case havia contratado um *ghost writer* e o acesso aos supostos autores através dos escritores é praticamente impossível, insisti diversas vezes em falar com ele, ligando em seu escritório, mas não consegui entrevistá-lo.

Talvez meu acesso a essas fontes tivesse sido melhor aproveitado se eu tivesse tentado encontrá-las pessoalmente em seus escritórios em São Paulo (SP). No entanto, minha disponibilidade devido ao meu estágio diário era limitada, e eu também precisaria coordenar as entrevistas ao máximo para que elas se realizassem na mesma semana, ou até mesmo no mesmo dia. Sei que nenhuma forma de contato substitui a entrevista realizada pessoalmente e

acredito que esta tenha sido uma falha em minha apuração.

Duas fontes que me decepcionaram por não me atender foram os jornalistas Claudio Tognolli e Jorge Tarquini. Tognolli foi contratado por Lobão e Romeu Tuma Jr. para escrever suas biografias e memórias, e não respondeu a nenhum dos meus 15 *e-mails*, nem aos meus recados nas redes sociais (Twitter e Facebook). Tentei entrar em contato com ele telefonando várias vezes para o departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, sem resultado também. Quanto a Tarquini, recusou-se a me dar entrevista, argumentando que já havia falado sobre o livro de Raquel Pacheco diversas vezes. O que me decepciona em relação a ambos é que são professores de jornalismo e conhecem as dificuldades de seus alunos, ainda assim, não ajudaram.

Romeu Tuma Jr., que eu imaginei ser uma fonte inacessível, ainda mais no evento de lançamento de seu livro, foi o oposto. Enviei um e-mail para ele explicando sobre meu trabalho e dizendo que gostaria

de conversar com ele em sua passagem por Florianópolis e ele foi bastante atencioso. Não sabia como abordar uma pessoa em um lançamento de livro, mas mesmo assim fui e colhi o relato de que precisava.

O curioso é que dos dez *ghost writers* entrevistados, nove eram jornalistas. Quando percebi isso, fiquei preocupada, pois poderia ser uma falha de apuração não ter procurado escritores-fantasma de outras áreas. Porém, esta é a tendência não só no Brasil, mas também no mercado norte-americano, o que aumenta a relevância deste trabalho dentro do curso de jornalismo.

Uma das pautas previstas no projeto era sobre os motivos pelos quais os escritores-fantasma parecem com frequência na ficção. Tentei contato com professores de Cinema e de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina, da Universidade Federal de Minas Gerais e da Universidade de São Paulo. Os poucos deles que me responderam não compreenderam que se tratava de uma reportagem e me indicaram bibliografia, que,

mesmo assim, não tratava diretamente deste tema. Os textos indicados serviriam, certamente, para monografias. Os próprios professores diziam não poder falar deste assunto e não sabiam indicar quem pudesse. Deixei, então, esta pauta de lado, até por ter considerado que não tinha tanta relevância.

6.3 Falta de informações

Devido à natureza sigilosa e discreta dos trabalhos de *ghost writing*, a maior parte das informações apuradas são especulações e achismos. As características do mercado também não podem ser afirmadas categoricamente, já que existem diversas exceções. Houve uma tentativa de explorar o máximo possível, mas temo que em alguns pontos as informações tenham ficado incompletas.

6.4 Definição do formato

Uma grande dificuldade foi quanto à definição do formato da reportagem. Lembro-me de que ainda no

projeto não consegui definir com clareza como o texto seria apresentado. Imaginei que isso pudesse ser definido mais tarde ou eu poderia ter alguma ideia durante a apuração. Porém, quando comecei a escrever o texto ainda não tinha uma organização definida. Eu e meu orientador perdemos algum tempo pensando no formato que a reportagem deveria ter. Achamos melhor diluir as informações em textos menores para deixar o conjunto mais leve, ao invés de apresentar um texto único, que poderia ser mais pesado e difícil de ler.

A decisão de apresentar o material diagramado é por mera formalidade, para apresentar algo agradável e bem elaborado à banca.

8. Referências

ACCIOLY, Maria Inês. **Comércio de autoria: um sintoma da cultura pós-moderna.** Campinas: Revista Resgate, 2012, v. 20, n. 23. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/150/152>> Acesso em: 22 maio 2013.

BUARQUE, Chico. **Budapeste:** romance. 2. ed São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar:** objetividade e autoria na reportagem. 2004. 275 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Material cedido pelo autor.

CURIA, Luiz Roberto; CÉSPEDES, Lúvia; WINDT, Márcia C. V. dos Santos. **Vade mecum:** compacto. 6. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2011.

DELMASCHIO, Andreia. **A máquina de escrita (de) Chico Buarque.** 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/trabalhos/2008/>>

andriadelmaschio_amaquinade.pdf> Acesso em:
30 maio 2013.

FONSECA, Rubem. **64 contos**. São Paulo:
Companhia das Letras, 2004.

GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice**: uma vida que se
conta. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

GUIA DA SEMANA. *Ghost-writers*: Você sabia
que muitos dos livros que você lê podem não ter a
verdadeira autoria revelada?. São Paulo: 2011.
Disponível em: <
[http://www.guiadasemana.com.br/artes-e-
teatro/noticia/ghost-writers](http://www.guiadasemana.com.br/artes-e-teatro/noticia/ghost-writers)>. Acesso em: 14 de
abril de 2013

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector
jornalista**: páginas femininas & outras páginas.
São Paulo (SP): SENAC, 2006.

OLIVEIRA, Gláucia Santos de. **Literatura
confessional e ghost-writer em Minhas memórias
de Lobato**. Revista de Estudos Literários da
UEMS- Anais do II EEL, Campo Grande, ano 3,
v.1, n. 4, p. 41-54, ago. 2012. Disponível em:
<http://www.uems.br/eventos/revell/arquivos/15_2

012-09-02_21-52-10.pdf> Acesso em: 22 maio 2013.

ROTH, Philip. O escritor fantasma. In:_____. **Zuckerman acorrentado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SEGADILHA, Bruno. Adriane Galisteu: “eu sou humana, não a rainha da razão”. **Revista Quem**. São Paulo: 2012. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EM_I300386-9531,00-ADRIANE+GALISTEU+EU+SOU+HUMANA+N AO+A+RAINHA+DA+RAZAO.html> Acesso em: 08 de outubro de 2013

SHAPIRO, James. **Contested Will**: who wrote Shakespeare? New York: Simon & Schuster, 2010. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=W8KtHtT3jNYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 19 junho 2013.

SURFISTINHA, Bruna. **O doce veneno do escorpião**: o diário de uma garota de programa. São Paulo: Panda Books, 2005.

REDAÇÃO TERRA. Bruna Surfistinha autografa livro em São Paulo. **Terra**. São Paulo: 2005. Disponível em: <

<http://exclusivo.terra.com.br/interna/0,,OI785857-EI1118,00.html>>. Acesso em: 8 de outubro de 2013

REIF, Renata. Monique Evans: “nem minha filha conhece a minha história”. **IG Gente**. São Paulo, 2012. Disponível em:< <http://gente.ig.com.br/2012-04-20/monique-evans-nem-a-minha-filha-conhece-a-minha-historia.html>>. Acesso em: 08 de outubro de 2013

9. Bibliografia

GALISTEU, Adriane. **O caminho para as borboletas:** meus 405 dias ao lado de Ayrton Senna. São Paulo: Caras, 1995.

GARCIA, Luiz (org.). **O Globo:** manual de redação e estilo. São Paulo: Globo, 1996.

GUINLE, Jorge. **Um século de boa vida.** São Paulo: Globo, 1997.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca:** guia de sobrevivência para jornalistas. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, Thomaz. **Quebra de Script:** uma incrível história de reinvenção pessoal. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia.** São Paulo (SP): Cosac Naify, 2009.

NETO, Lira. **Maysa:** só numa multidão de amores. São Paulo: Editora Globo, 2007. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=QIhqkNck1gsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false> . Acesso em: 10 junho 2013.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo
Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2ª edição.
Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VEIGA, Carmen Mayrinck. **ABC de Carmen**. São
Paulo: Globo, 1997.

